

Bíblia e Economia

(nota sobre a Campanha da Fraternidade 2010: “Economia e Vida”)

Prof. Dr. Côn. Celso Pedro da Silva
Reitor do UNIFAI (São Paulo)

A reflexão sobre Bíblia e Economia é mais complicada do que parece. No entanto, tenho a dizer logo de início que nossas Campanhas supõem que quem cria e mantém o sistema econômico perverso vigente acredite no que falamos e queira ouvir, acredite em Deus, na dignidade do ser humano, na importância da inclusão das pessoas, de uma cultura de justiça e paz, etc. Ora, a perversidade do sistema consiste exatamente em não acreditar em nada disso e fazer tudo convergir para seus interesses, sem controle político nem ético. É uma nova cultura, que sofre abalos fortes com a crise atual. Apresento então uma pequena síntese do que refleti em termos bíblicos sobre a realidade do processo econômico e a reação que podemos oferecer a ele.

Por que ser solidário em economia? Por que criar uma economia participativa, que contempla as necessidades de todos?

O mundo é marcado desde sempre por profundas rupturas entre as pessoas com enormes abismos entre uns e outros. Não é isso o que chamamos de natural? Não é assim a natureza humana? Não é assim que as coisas são, regidas pelo princípio “salve-se quem puder” num mundo em que bem-aventurados são os espertos? Por que alguém, ou um conjunto de pessoas envolvidas em grandes movimentações financeiras, movimentando fortunas que não podem parar de crescer quase que por uma fatalidade das regras internas de tal economia, por que essas pessoas têm que se preocupar com os outros? Entraram num processo tal que não multiplicar sua fortuna é perecer. Em quê o outro pode interessar-lhes a não ser no fortalecimento do que possuem? Engolir outras fortunas, eliminar oposições são objetivos constantes que não favorecem em nada qualquer tipo de sensibilidade humana. A pergunta continua e é real. Por que tenho que me interessar pelos outros? O que ganho com isso?

Não se pode responder a tais pessoas apelando para a vontade de Deus, seu projeto para o mundo, a história da salvação ou o Reino de Deus. Tudo isso soa como frase vazia. Não é possível também argumentar com a dignidade da pessoa humana. Em relação ao outro, o que vale é a esperteza com a qual eu o supero. Não há porque ser solidário numa perspectiva de vida que se restringe apenas a este mundo.

Neste mundo que sempre foi assim e vai continuar sendo assim, surgiu, num dado momento, um pequeno grupo com uma prática diferente. Eles decidiram que entre eles não haveria necessitados. Para que isso se realizasse, estabeleceram uma economia solidária na qual todos partilhavam tudo o que tinham para que não houvesse necessitados entre eles. Nesta prática há algo imediatamente perceptível: a valorização mútua. Um valoriza o outro e todos se consideram com igual dignidade. Por que pensam assim e por que assim procedem? Poderiam ter tomado esse caminho visando à própria sobrevivência. Descobriram que sem um mínimo de consideração de

uns para com os outros, todos acabavam sendo prejudicados. Os menos favorecidos reagem e, apesar da “esperteza” dos mais favorecidos, eles podem ser surpreendidos em algum momento de desatenção e serem prejudicados. A desconsideração do outro gera violência. Em termos puramente naturais, a atenção dada ao outro acaba sendo benéfica para mim mesmo.

Isto, porém, não é suficiente para explicar a atitude do pequeno grupo acima mencionado porque a solidariedade reinante entre eles era permanente e tranqüila. Não aconteceu por medo de prejuízo pessoal. Aconteceu por uma fé antropológica com a qual um acredita no outro, com raízes em algo que vai além do puramente humano, a fé teológica.

Edouard Herr, em “Bíblia e economia, servir a Deus ou ao dinheiro”, (Org. Françoise Mies, Loyola 2007), faz uma reflexão sobre “Bíblia e globalização” da qual tiro algumas considerações.

O capitalismo se globaliza e o capitalismo globalizado domina outros mundos além do econômico, como a cultura, a ética, a política.

Os empreendedores do processo que chamamos de capitalista têm como concepção de vida o sucesso econômico. Seus valores orientadores são a eficácia e o controle.

É beneficiado pelo processo o consumidor dotado de elevado poder de compra.

Para ser consumidor é preciso ser hedonista, liberto de considerações éticas, buscar a felicidade no econômico, sentir a existência no consumo. O empreendedor leva o consumidor a querer consumir, mesmo sem precisar.

Bilhões de pessoas, porém, não possuem os meios de ser consumidores e a desigualdade assume proporções incríveis. Que papel tem no processo os que dele não se beneficiam?

Nesta sociedade têm vantagens as pessoas competitivas.

As pessoas não competitivas ou não qualificadas estão destinadas à marginalização.

A concorrência comercial em relação aos mesmos produtos é exercida por competição de preços. Daí a necessidade de se comprimir os custos, sobretudo na mão de obra.

As grandes empresas são controladas por poderosos grupos de acionistas com sempre menos participação da mão de obra.

Não há controle político nem ético. Os fortes são favorecidos à custa dos fracos. O processo é fascinante em sua eficácia e torna-se objeto de desejo.

O controle político é necessário para o bem comum mundial num desenvolvimento duradouro; e o controle ético, a serviço da humanidade e sua dignidade.

As conseqüências culturais devem ser consideradas, sobretudo por quem quer implantar uma cultura de justiça e paz. A cultura interpreta e organiza o mundo dos seres humanos. Oferece raízes e futuro. Sem raízes, o futuro se organiza em termos de produção e consumo. A cultura será então, de produção e consumo. Sabemos, no entanto que, é possível ser eficaz a serviço de uma causa injusta.

O desenvolvimento econômico deveria estar a serviço da liberdade real de cada um, ou seja, da humanização.

Diante de uma sociedade organizada em função do desenvolvimento econômico dos mais competitivos, não é viável colocar considerações de mudanças a partir da vontade de Deus, da dignidade humana, da caridade fraterna. Dizer aos empreendedores do sistema que alguém está sendo prejudicado ou colocado à margem, seja em nível de indivíduo, seja em nível de outro tipo de organização econômica, a única resposta possível de um sistema coerente é que o sistema funciona desse modo e não de outro. Nenhum indústria produtiva, cujos empreendedores tenham como concepção de vida o sucesso econômico, se considera obra de caridade. O outro que existe e que interessa é o produtivo, competitivo, com poder de compra. Não há por que ter piedade. Consequentemente, não há esperança de conversão para o outro a não ser por uma intervenção direta de Deus ou por uma experiência emotiva forte.

Os que desejam uma economia solidária, os cristãos supomos, podem por um lado pedir a Deus a conversão dos que possuem um coração insensível, e por outro podem interferem de forma testemunhal na sociedade.

A sociedade tem seu próprio esquema de valores. A primeira atitude prática é não se deixar esquematizar pela sociedade envolvente. Trata-se de uma resistência ativa apoiada comunitariamente, mas uma resistência pessoal. O Apóstolo Paulo dá essa orientação aos romanos em 12,2 quando lhes escreve: “Não vos conformeis com este mundo”, ou, numa tradução mais literal, “não se deixem esquematizar por este ‘eon’”. Eon é exatamente a sociedade que desenvolve uma economia perversa. A primeira atitude de quem quer humanizar o planeta consiste em não assimilar o esquema proposto pelo mundo. Mas o esquema não é proposto de qualquer forma. É proposto por quem sabe vender o seu produto. Como em Gênesis 3, o esquema é belo à vista e agradável ao paladar, ou é bonito e gostoso. Por que não assimilá-lo? Além disso, há uma bula de recomendação: Você vai adquirir o discernimento, sempre segundo o Gênesis. É este também o tema de Paulo em Rm 12,2. Se você assume o esquema do “eon” com seus valores, você perde a capacidade de discernir, isto é, você perde o bom senso.

Não basta, porém a atitude negativa ou preventiva de não se deixar esquematizar pelo sistema vigente. É preciso simultaneamente, para que a resistência seja eficaz, uma atitude positiva de deixar que a nossa capacidade de estar no mundo, ou de se situar, seja metamorfoseada pelo Espírito. Este caminho está também em Rm 12,2. Na prática ele significa exercitar a sensibilidade. O Espírito é Amor e está intimamente ligado à sensibilidade com a qual nos situamos uns ao lado dos outros. O exercício prático da sensibilidade humana nos leva a perceber sempre mais o outro em sua realidade.

O exercício da sensibilidade é recomendado por Paulo aos filipenses para que adquiram a capacidade de discernir, o que significa capacidade de tomar decisões certas. Tais decisões não são as que tomam os empreendedores que agem aquém da sensibilidade humana. A decisão certa é a que se toma movido pelo Espírito. Mas isso não se diz ao empreendedor.

O indivíduo que decide agir resistindo e transformado o meio em que vive, torna-se necessariamente consciência crítica de uma sociedade de lucros e consumo. Isto não se faz isoladamente. A ação é comunitária embora dependa da convicção pessoal. A convicção se mantém pelo estímulo da comunidade, e assim não se perde.

Surgiu no mundo um pequeno grupo que se multiplicou. Seus membros agem como fermento na massa, e têm como concepção de vida não o sucesso econômico e sim a fraternidade universal. De início este grupo se propõe a não ter necessitados entre eles. Os empreendedores da economia atual têm o mesmo propósito e o realizam excluindo. O novo grupo, que podemos chamar de cristão, realiza o seu propósito incluindo. Seu projeto é humanizador. Ele cria bolsões de humanismo, que são a demonstração do que se chama Reino de Deus, e os recria quando destruído.

A conversão dos empreendedores se pode se dar na experiência pessoal da nova qualidade de relacionamentos vividos pelo grupo cristão. Esta experiência deve ser emocionalmente marcante por revelar um momento de felicidade que não pode se encontrar na competitividade que acaba sendo cansativa por ter que ser astuta. Os Atos dos Apóstolos descrevem essa comunidade na qual não há necessitados quando fala dos primeiros cristãos na era apostólica (Cf. At 2 e 4).

Qualquer discurso teórico ou de protesto contra as forças realmente fortes do sistema econômico de vantagens excludentes é inútil. É uma conversa de moucos. É preciso ir e ver para se convencer de que outro mundo é possível. O discurso é tanto mais inútil quando o que chamamos de cultura já está impregnado dos valores do sistema. Não adianta propor uma cultura de paz ou de vida para quem não vê nela nenhum valor e trabalha ativamente por outra cultura. Considerações éticas que apelas para o sentimento da dignidade do ser humano acabam sendo inúteis. O outro é bom se servir aos meus propósitos de felicidade no econômico. A vida de uma criança pobre só é útil se seus órgãos servirem para a saúde e o bem estar de alguém que tenha futuro no sistema. Gente pobre é muito útil quando sua necessidade barateia a mão de obra da produção.

Para quem diremos que “na Bíblia, os pobres e todos os necessitados estão no centro da justiça que Deus exige das relações humanas e econômicas”? Os que dominam o sistema econômico não estão interessados na verdade dessa afirmação. Menos ainda na afirmação de que “a raiz última donde brota e são sustentados os sonhos de participação e comunhão na vida em todas as suas dimensões é Trindade Santa e Bendita”. Isto supõe a fé e um caminho de conversão bem percorrido. Embora verdadeiras para a fé, não são teses como “Deus criou o ser humano – homem e mulher – para viver em comunhão de vida e de bens”, que podem mudar a sociedade de consumo e lucro.

Quando o Senhor Ressuscitado disse aos discípulos em geral e aos apóstolos em particular, vocês serão minhas testemunhas no mundo inteiro a partir de Jerusalém, os cristão tinham que entender que se tratava antes de tudo da realização do que relatou Marcos em seu Evangelho com tanta ênfase: “Entre vocês não será assim. Os que governam o mundo oprimem ... Você procederão de outra forma” (Cf. Mc 10, 42-43).

Pastoralmente, a Campanha da Fraternidade coloca a problemática resultante de uma economia desumanizada diante de toda a população, estimula os cristãos a reafirmarem sua convicção de fé em relação ao valor do ser humano, mas deve, sobretudo, num realismo observável, fomentar idéias claras e exemplos pertinentes no campo do relacionamento humano em todos os seus níveis, particularmente no econômico. Quais são os exemplos concretos, de alto nível, de uma economia solidária que possam se contrapor ao modelo do sistema vigente? Onde encontrar exemplo de que o impossível é real?

Grandes sociedades são constituídas, empresas existentes se fundem em outras maiores, o sistema bancário recolhe fundos livres que se transformam em poderoso capital, utilizado pelas empresas em forma de crédito. Os acionistas centralizam o poder sobre o capital. Se tudo isso é alcançado com eficácia e controle, com vistas ao bem estar econômico dos mais empreendedores, já não há espaço para a ética e menos ainda para Deus.

E absolutamente necessário que os detentores do poder econômico façam uma experiência pessoal sensível de que outro modelo traz de fato felicidade e bem estar num estado de alegria permanente que retoma e recomeça sempre de novo os projetos que a má inclinação natural derruba.

Recebido para publicação em 25-11-09; aceito em 13-12-09